MERLO, Grado Giovanni. *Francescanesimo: passato prossimo*. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2010, 102p.

André Luiz de Siqueira[1]
Doutorando em História
Universidade Federal do Paraná

● **Enviado em: 07/11/2013**
● **Aprovado em: 26/04/2014**

"Francescanesimo: passato prossimo"[2] (Edizioni Messaggero Padova, 2010, 102 p.) do historiador e franciscanólogo italiano, Grado Giovanni Merlo, embora ainda não possua uma tradução para a língua portuguesa, trata-se de uma coletânea de textos com reflexões do autor que, embora breves, conservam a profundidade e a precisão deste exímio conhecedor do *corpus* documental franciscano, especialmente o produzido entre os séculos XIII e XVI.

Grado Giovanni Merlo iniciou sua trajetória acadêmica como professor assistente de História Medieval e, mais tarde, como professor associado da *Università degli Studi di Torino* (1977-1986), onde passou a lecionar as disciplinas de História da Igreja e Movimentos heréticos. Chamado, em 1987, para ocupar o cargo de professor titular da *Università degli Studi di Milano*, passou então a ministrar as disciplinas de História da Igreja Medieval e, novamente, de História dos Movimentos heréticos. Estudioso apaixonado pela temática franciscana, Merlo tornou-se presidente, desde 1994, da *Società Internazionale di studi fracescani*, com sede em Assis. É difícil precisar em que momento de sua produção intelectual o autor começou a tratar mais especificamente do franciscanismo medieval e em que medida seus trabalhos anteriores sobre História da Igreja e dos movimentos heréticos influenciaram suas análises sobre o movimento franciscano. Entretanto, é possível observar em Merlo um posicionamento particular no que se refere a uma distinção, levantada por ele, entre os conceitos "franciscanismo" e "minoritismo", discutidos a seguir. Como o título da obra sugere, o tema do franciscanismo é proposto não como um problema somente, digamos, "arqueológico", encerrado nos séculos XIII e XIV, mas trata-se de uma discussão sempre

1 Mestre e Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR.
2 MERLO, Grado Giovanni. **Francescanesimo: passato prossimo**. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2010.

renovada e viva ("*passato prossimo*") de uma experiência cristã cuja memória codificada em escritos, biografias e crônicas exigem uma constante atenção afim de que se evite as armadilhas de um "senso comum historiográfico"[3], como o próprio autor alerta.

Em *Francescanesimo: passato prossimo*, o autor faz uma coletânea de pequenas análises publicadas em diversas revistas italianas, de 2006 a 2009, sendo que entre estas, apenas os capítulos VIII e X, intitulados, respectivamente, *La lunga storia del Francescanesimo e dei Frati Minori* e *L'ambiguo minoritismo di frate Giovanni da Capestrano*, postam-se como textos inéditos. Assim, nos doze capítulos que encerram o livro, são discutidas de forma clara e agradável, questões que se estendem desde as inquietações sobre uma melhor definição do que entendemos por "franciscanismo", passando pelas discussões sobre uma datação do surgimento desse termo na documentação franciscana, enveredando-se pelo complexo processo de transição entre o projeto original de Frei Francisco de Assis (1182-1226) e seus posteriores desenvolvimentos durante a "institucionalização" da *Ordo Minorum*, até chegar numa tentativa de síntese "revisitada" da história do santo de Assis.

Entre os temas mais relevantes ou mais pertinentes para os estudos franciscanos tratados por Merlo nesta obra, destacamos alguns. No segundo capítulo ("*Chiara d'Assisi: francescanesimo al femminile?"*), propõe-se a questão se Clara de Assis (1193-1253) teria inaugurado uma espécie de leitura "feminina" ou até "feminista"[4] da mensagem e do projeto de Francisco de Assis. O autor, então, após provocar o leitor sobre o que se entende por "franciscano" e em qual "Francisco" se deve legitimar este adjetivo, isto é, se se deve remeter ao homem Francisco – na visão de sua primeira fraternidade - ou se ao São Francisco, construído pela Ordem por ele fundada. Em seguida, nota que essa proposta "feminina" e "clariana" soa estranha, ao menos na primeira década do movimento franciscano, a julgar pelas fontes da época, não se configura como um problema. Isso ocorre porque que tanto os frades (*fratres*) quanto as irmãs clarissas (*sorores*) eram chamados de "Menores" (*Minores*)[5], tendo ambas ordens o mesmo projeto de vida como recorda Merlo ao comparar a Regra de Santa Clara (1253) e o inicio da Regra Bulada (1223), da Ordem dos Menores: "*osservare il santo vangelo del Signor nostro Gesù Cristo, vivendo in obbedienza, senza nulla di próprio e in castità*"[6].

---

3 Cf. MERLO, 2010, p. 29.

4 Quanto ao termo "feminista", embora Merlo faça uma brevíssima menção às discussões atuais sobre a definição e os usos deste conceito, não adentra em suas sutilezas e não deixa claro suas distinções ao se referir a documentação franciscana medieval.

5 Cf. MERLO, 2010, p. 13.

6 MERLO, **Ibid**., p. 14.

Ao tratar da transição do projeto original de Francisco de Assis para as necessidades e desafios de uma ordem religiosa em notável expansão no século XIII, Merlo no capítulo "*Da frate Francesco al francescanesimo: fedeltà e reletture*", aponta vários elementos que marcaram indelevelmente esse processo que tinha como ponto de tensão, de um lado, a fidelidade aos desejos do santo fundador e de outro uma real necessidade de adaptação aos anseios da sociedade e da própria cúpula da Igreja daquela época. Anseios estes que, como bem observa o autor, têm como pontos mais dramáticos as intervenções papais junto à *Ordo Minorum*, iniciadas em 1230 quando, a pedido de uma comissão de frades, o papa Gregória IX decreta, com a bula "*Quo elongati*", em que medida a Regra e o Testamento de São Francisco deviam ser seguidos. Não se tratava apenas, segundo Merlo, de um pedido de ajuda para se interpretar a identidade franciscana, mas era o anúncio de algo mais grave: a partir de então era o papado quem determinaria dali para frente o que seria o franciscanismo "ideal"[7].

Uma vez que não nunca houve "um" Francisco de Assis, mas uma diversidade de representações dele, conforme se pode encontrar nas suas antigas hagiografias, Merlo também propõe um cuidado especial ao se falar em "franciscanismo" no singular, preferindo, assim, seu uso no plural, como intitula o quinto capítulo – "*Francescanesimo (e francescanesimi)*" . Em sua análise, o autor não hesita em afirmar que já em meados dos anos vinte do século XIII não se pode mais falar de uma unidade dentro do movimento franciscano, uma vez que é nesse momento que a entrada de mestres universitários e clérigos dentro da Ordem - iniciando o que seria ainda um longo, mas bem compassado, processo de "clericalização" desta - começam também a descaracterizar, segundo o autor, o rosto e os desejos de um primitivo projeto. Duas considerações emblemáticas são propostas aqui sobre esta "pluralidade" do franciscanismo medieval: primeiro, estes "franciscanismos" se adaptavam muito bem "à lógica do mundo", no sentido de acompanhar sua dinamicidade e, segundo, eles se mostravam como "uma forma mais consciente e árdua da *sequela Christi*"[8], sofrendo os efeitos de constantes crises de identidade.

Outro ponto destacado por Merlo é a forma harmoniosa com que o movimento franciscano se situava entre a "*città*" e o "*eremo*", entre um apostolado urbano e uma vida de solidão. Entretanto, o autor observa que tal harmonia não durou muito, por conta dos vários desenvolvimentos, trabalhos e cargos assumidos pelos frades, até culminar no fato dos "eremitérios" se tornarem abrigos de "resistência" daqueles "irmãos" que discordavam dos

7 Cf. MERLO, **Ibid**;, p. 17.
8 MERLO, **Ibid**., p. 32.

caminhos trilhados pela Ordem após a morte do fundador, a fim de salvaguardar, ao seu modo, o que consideravam o "espírito das origens".

No capítulo VII, sobre "*l'avventura franciscana e minorítica nel duecento*", o autor, finalmente, define o que ele entende por "minoritismo", afirmando que se trata de um franciscanismo internacional nascido e crescido no contato com os ambientes de estudo, com os frades pregadores, com a cúria romana e com as igrejas locais[9]. Para Merlo, grande parte dos estudiosos ainda negligenciam essa distinção entre o "franciscanismo" e "minoritismo" e isso, de alguma forma, enfraquece uma análise mais adequada deste movimento no século XIII.

Por fim, o livro "*Francescanesimo: passado prossimo*" apresenta-se como uma boa maneira de se realizar uma "desintoxicação" de conceitos em relação à *quaestio franciscana*, desafiando o leitor a tomar uma postura mais honesta diante de seu objeto de estudo e a desconfiar dos labirintos do óbvio.

9 MERLO, **Ibid.**, p. 39.